

TORORÓ

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Data		
Caderno		
Página		
Seção		
Assunto		

Bairro

TORORÓ

Lugar não muda apesar de ficar no centro da cidade

Próximo à movimentada Estação da Lapa, o bairro continua tranquilo, quase indiferente à correria

GIOVANNA CASTRO ♦ REPÓRTER

O bairro do Tororó é o que se pode chamar de paraíso na Terra. E não é exagero, segundo seus próprios moradores, que se declaram apaixonados pelo local. Encravado em pleno centro da cidade, próximo à efervescente Estação da Lapa, Piedade, Joana Angélica e Nazaré, o que se vê é uma tranquilidade quase inacreditável levando-se em conta sua localização, apontada, ao mesmo tempo, como uma das suas maiores vantagens. Quem mora nessa região da cidade está perto de shopping, banco, hospital, mercado e tem grande quantidade de serviços à disposição. O Tororó é o "melhor bairro do mundo para se morar", derrama-se o fotógrafo Sinyal Souza Cardim, que vive lá desde que nasceu, há 51 anos. Para ele, o bairro é sempre o mesmo "não muda" e é aí que reside a maior qualidade, além da segurança.

Apesar de a frequência das festas, serestas e lavagens ter diminuído, a população pode se divertir à vontade com a enorme quantidade de bares e botecos existentes, sem precisar se afastar muito da própria residência. Isso sem falar no tradicional balcão de padaria, transformado em ponto de encontro onde se pode levar uma boa prosa todas as tar-

des com um pessoal bastante animado. Para quem é jovem, no entanto, a situação complica. Segundo o estudante Rogério Silva Oliveira, 21 anos, o lugar é ótimo para morar mas para se divertir não é suficiente.

Há algum tempo atrás, quem apreciava nas épocas de Carnaval ou festas Juninas tinha certeza de bom divertimento. João Guedes, 57 anos de idade e 27 como morador, dono da barbearia Guede's, afirma que durante o reinado de Momo não havia quem ficasse parado no Tororó, as pessoas colocavam suas cadeiras na porta de casa e acompanhavam a passagem do desfile assistindo às apresentações no antigo palanque, que já não existe mais. Para se ter uma idéia, o bairro já foi base de vários blocos carnavalescos famosos e premiados. Secos e Molhados, Panela Vazia, Filhos do Tororó, Filhos do Periquito, Muzenza e talvez o mais importante e tradicional, Apaches do Tororó. Hoje em dia, o que ainda resiste é um pouco de comemoração no São João. A diretora da Associação de Moradores, Marilza Bandeira, lamenta que o bairro não seja mais como antes. Antigamente, eram uma só família e todos se conheciam. Com o tempo, foram aparecendo repúblicas estudantis, pensionatos, bares e ensaios de blocos, respon-



Para os moradores mais antigos, o local é o melhor para se morar, com muita segurança e conforto, além de ter todos os serviços

sáveis pela algazarra noturna que perturbava o silêncio do local, mas a presença do módulo policial reduziu o número de assaltos e brigas, normalizando a situação.

Uma peculiaridade marcante do bairro é a presença em peso de repúblicas estudantis. Por ser um bairro central, atraiu grupos de estudantes de vá-

rias cidades como Itaberaba, Xique-Xique, Alagoinhas, Ipirá. A mais antiga na área é a Padre Torrend, que aceita gente de cidades diferentes. Para a estudante de cursinho pré-vestibular,

Daiana Santana Souza, 21 anos, conviver em grupo é muito bom. "A gente ganha independência e amadurece longe dos pais, além de conhecer pessoas novas de lugares diferentes".

Saveirista teme ficar sem trabalho

Quando se fala no bairro do Tororó é inevitável a associação com o dique que leva o seu nome. Uma área que já foi bem maior há muitos anos e que veio diminuindo devido aos sucessivos aterros estimulados pelo progresso e abertura de pistas, encontra-se completamente abandonada. O Dique do Tororó tem sido alvo de uma série de projetos de revitalização ao longo dos anos sem que nenhuma ação concreta fosse tomada. O local, que serve de ciclovias, pista de cooper e academia de ginástica para muita gente, poderia se transformar numa praça de lazer para a população.

Já se pensou em colocar pedálinhos, fazer bares flutuantes, mas, por enquanto, o que flutua por lá são as baronessas (plantas aquáticas), que já estão tomando parte da extensão das águas. O saveirista Ivan Alves de Almeida, 61 anos, trabalha há 36 anos fazendo a travessia de passageiros que se deslocam para o Hospital Martagão Gesteira ou Sumac. O saveirista cobra R\$ 0,40 e afirma que o movimento diminuiu consideravelmente. Há alguns anos, ele chegou a transportar cerca de 70 pessoas por viagem, hoje, "se transporto quinze por dia, é muito". Ele atribui a queda no movimento às linhas de ônibus para a Lapa, preferidas pela população. Agora, quem mais frequenta o local, segundo Ivan, são pessoas de candomblé que vão deixar oferendas para Oxum e Oxalá.



Antes eram transportadas 75 pessoas na travessia, hoje são 15 por dia

mais poluído que agora, mas para que continue assim, a limpeza precisa ser feita constantemente, o que não acontece há quase um ano. As baronessas atrapalham muito a passagem dos barcos e existe o perigo de terem seus motores danificados no caso de alguma se enroscar na hélice. Apesar de toda a sujeira, o Dique ainda ajuda a manter famílias de pescadores que retiram do local a sobrevivência através da pesca de um peixe comum na área, chamado Acará.

JOSÉ SIMÕES

Bares não respeitam a Lei do Silêncio

Nem tudo são rosas e tranquilidade no bairro do Tororó. O local, que sedia o Hospital Infantil Martagão Gesteira, a Casa do Menor Trabalhador (auxilia aqueles menores uniformizados que vendem chocolate e fichas telefônicas na Lapa), a Casa da Criança com Câncer, o Sindi Química (Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Petroquímica do Estado da Bahia) e o Sinpojud (Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário) é alvo de poucas, mas significativas reclamações. O apelo mais constante se refere ao barulho provocado pelos bares que atrapalham o sono de quem prefere descansar. Segundo a diretora da Associação de Moradores, Marilza Bandeira, o local tem um bar a cada 10 metros e a "algazarra" vai até o amanhecer. Às vezes acontecem brigas de faca e até revólver, apesar de já ter melhorado bastante com o módulo policial, afirma. A maioria dos bares não respeita a lei municipal que prevê silêncio a partir das 22h.

A outra reclamação refere-se ao transporte coletivo. A experiência realizada no início da gestão da Prefeita Lídice da Mata não deu certo. Naquela época, foi colocada uma linha para circular dentro do bairro que não durou mais que quatro meses. O problema aconteceu porque o itinerário não envolvia locais importantes da cidade. Marilza



Barulho das casas noturnas ameaça acabar com a tranquilidade

explica que o ônibus saía da Praça da Sé, passava pela Ladeira da Praça, Santana, Campo da Pólvora, chegava ao Tororó e voltava ao Politeama. Desta forma o ônibus chegava vazio, com no máximo duas ou três pessoas que pegavam o transporte na entrada do bairro. Os moradores sentem necessidade de conseguir um transporte coletivo eficiente para que não precisem andar um bom pedaço até o Campo da Pólvora e pegar o ônibus. Ela completa que o transporte desse jeito não conseguiu atender à po-

pulação de maneira adequada. "Já seria suficiente se o ônibus da linha que cobre o bairro de Nazaré entrasse aqui", reivindica.

O comércio crescente é também alvo de reclamações. O bairro, que era exclusivamente residencial, agora abriga um infinidade de pontos comerciais que prejudicam a fama de bairro tranquilo. Vêm aparecendo, cada vez mais, lojas de confecções, livrarias, pequenos mercados, locadoras de vídeo, salões de beleza e outros negócios para atendimento da própria população.